



# Paixão, ódio e sexualidade\*

Jacques André\*\*, Paris

*A solidariedade do método analítico com o infantil, com o sexual infantil, não é circunstancial, não está ligada a uma determinada tópica ou a uma determinada figura psicopatológica, ela é fundamental. Livre associação e atenção flutuante são palavras diferentes para designar polimorfia e plasticidade. Na falta destas, somente o amor/ódio de transferência, a sedução da cena analítica, a economia libidinal do tratamento têm alguma chance de (re)introduzir, de resgatar algo delas, tanto na psicanálise de ontem como na de hoje. Este texto, com sua ilustração clínica de um paciente severamente borderline, é um modo de pôr à prova da prática as hipóteses mencionadas anteriormente. Uma prova ainda mais difícil pelo fato de ser negativa, quando o ódio, mais do que o amor, dá o tom à relação analítica, quando a plasticidade cede à rigidez, quando a transferência fracassa em resgatar o que a vida perdeu e, no lugar da esperança de mudar, é preciso contentar-se em tentar reparar ou mesmo remendar.*

*Descritores: Sexualidade infantil. Plasticidade psíquica. Ódio. Homossexualidade.*

---

\* Este artigo reproduz uma conferência proferida em 27 de março de 2010, em Londres, no âmbito do Congresso da Federação Européia de Psicanálise, intitulado "Paixão, amor e sexualidade na psicanálise de hoje".

\*\* Membro da Associação Psicanalítica Francesa.



*Paixão, amor e sexualidade na psicanálise de hoje...* Este título conjuga um paradoxo temporal. De um lado, as mais antigas palavras do mundo, palavras sem idade ou mesmo atemporais; de outro, um *hoje* que supõe que nosso *presente* represente alguma originalidade no assunto. E, entre as palavras de sempre, a palavra de hoje: a psicanálise. De certa forma, esta posição mediana não deixa de ser pertinente. A psicanálise tem mais de um século de existência, o que é pouco, se comparado a essas palavras *eternas* que são *paixão, amor e sexualidade*, mas muito, se compararmos às outras modalidades do tratamento psíquico. Em tempos em que novas formas de psicoterapia brotam e morrem à velocidade dos fungos, a permanência da psicanálise lhe confere a era do bronze. Nenhum dia se passa sem que seus detratores afirmem com esperança que ela está ultrapassada.

Defrontando-se com a criança, o adolescente, o psicótico, o paciente operatório, o doente somático, as patologias da adição, etc., a psicanálise sofreu múltiplas modificações psicoterápicas, mas é ainda mais notável o fato de que o núcleo de sua experiência original tenha se mantido intacto. O dispositivo inventado por Freud que, entre divã e poltrona, reúne várias vezes por semana um analista e um analisando, continua sendo o nosso. O par formado pela regra de livre associação da parte do paciente e pela escuta com atenção flutuante da parte do psicanalista pode ser prejudicado por essa conjuntura transferencial. Porém nenhum outro veio impor-se em seu lugar. Mesmo que faltem a associatividade, a sua plasticidade e o jogo que ela permite, estes três elementos não deixam de constituir o horizonte do exercício, a sua finalidade. Este é o preço da mudança psíquica.

Entre os primeiros passos de sua prática (no final dos anos 1880) e o momento em que Freud assenta a forma definitiva do dispositivo psicanalítico (no início dos anos 1900), transcorrem cerca de vinte anos. Vinte anos de tentativas e erros, de tateio – inclusive na acepção literal da palavra, pois Freud toca, massageia, pressiona a testa –, antes do tratamento se tornar verdadeiramente o *talking cure*.

É espantoso o paradoxo entre o empirismo que marca o tempo da invenção e a permanência, no ser, do *setting* analítico, desde o momento em que foram traçadas suas fronteiras.

Quer se trate da posição espacial dos protagonistas ou do modo de relação e de comunicação que eles mantêm durante anos, com uma fidelidade de que poucos casais são capazes, nada na psicanálise evoca uma situação de vida real. Nela tudo expressa artifício. Na vida, ninguém encontra alguém que possa ouvi-lo durante três ou quatro horas por semana. Somos naturalmente levados, hoje –



um *hoje* que data de 1937, quando Freud escreve *Análise terminável e interminável* –, a chamar a atenção para os obstáculos e os impasses do tratamento. Mas também constatamos o inverso: uma dinâmica analítica é, por vezes, capaz de reescrever a história, de modificar até mesmo as maneiras de amar e odiar, despertando, em certos casos, os traumas precoces e a problemática *borderline*, permitindo finalmente que se nasça e *tenha* uma vida. De que modo uma situação que não passa de um artefato poderia eventualmente ter este poder?

Contra essa ideia de simples artefato, Jean Laplanche (2007) propôs uma hipótese contrária, a de certa *essencialidade* da psicanálise: o dispositivo psicanalítico seria homólogo daquilo que ele chama de *situação antropológica fundamental*, a situação que reúne, na aurora da vida, um *infans*, em busca de apego e satisfação de suas necessidades elementares e um adulto, que mescla, inevitavelmente, com seus gestos nos cuidados dispensados, demonstrações inconscientes de sua vida sexual, excessos de seu amor ou de seu ódio. A oposição entre o empirismo que caracteriza a instauração da situação analítica e sua permanência desde então constitui em si mesma um enigma a ser solucionado: Freud teria inventado, sem perceber, o dispositivo prático que mais se aproxima da relação humana mais primitiva.

Quando renuncia à sua *neurótica* em 1897, Freud faz com que a psicanálise tenha um ganho decisivo: não a descoberta da fantasia, como muitas vezes se diz de forma equivocada – a fantasia já estava presente, tendo sido claramente identificada em 1897 –, mas o fato surpreendente de que a *realidade psíquica* não contém indício de *realidade material*. Trata-se, portanto, de um ganho, mas também de uma perda (provisória em parte), que diz menos respeito à teoria da sedução enquanto tal do que à parte do trauma que intervém na construção da psique e, sobretudo, à fonte intersubjetiva desta. Na pessoa do adulto sedutor ou do ser próximo (o *Nebenmensch*), o outro, o adulto, é associado por Freud, antes do famoso abandono, a todas as psicogêneses, tanto à da neurose como à da moralidade. Esta ideia de uma intersubjetividade originária será resgatada muito mais tarde por Winnicott (*um bebê não existe* – sozinho) e Lacan (*o desejo é o desejo do Outro*), mais ou menos nos mesmos anos, mas em modelos teóricos bem diferentes. Alguns já haviam esboçado essa ideia, principalmente Ferenczi (1932) com sua *confusão de línguas entre os adultos e a criança*. A *situação antropológica fundamental* é uma das últimas formulações teóricas que se inserem nessa linha que desloca a origem da vida psíquica para o outro, chegando a afirmar a primazia deste. Esta perspectiva não está ausente na obra freudiana, principalmente quando a mãe é mencionada, a *primeira sedutora*, aquela que faz



de seu filho um *brinquedo erótico*, que beija, acaricia sua criança, tratando-a *como substituto de um verdadeiro objeto sexual*. Porém esta abordagem intersubjetiva da gênese da vida psíquica permanece muito marginal em Freud.

A ideia é subjacente à hipótese de Laplanche (2007): o que Freud abandona na teoria teria sido conservado em sua prática. O encontro do íntimo com o estranho marca tanto nosso início de vida quanto o encontro psicanalítico. O que haveria de mais sedutor do que convidar um desconhecido a dizer sem qualquer impedimento tudo o que lhe passa pela cabeça? A proximidade entre o começo da vida e o início de uma análise evidentemente não é uma identidade. Laplanche indica um caminho que ele mesmo quase não percorre. Entre Freud e nós, não faltam balizas nesse caminho, principalmente todos os trabalhos dos anos 50, que, na esteira de Ida Macalpine (1950), mostram que, confrontando-se com a transferência, a psicanálise nada mais faz que colher aquilo que planta. Sem dúvida o fenômeno da transferência não é privilégio da situação analítica, mas esta faz de tudo, a ponto de atingir a tensão máxima, a paixão, para multiplicar as oportunidades e aumentar a intensidade daquela.

Como qualificar a relação entre as duas situações, entre aquela que reúne o *infans* e o adulto e a que associa analista e analisando? Trata-se de analogia, metáfora ou transferência? Nenhum *infans* se deita no divã – embora certos pacientes, em vez de desejarem enfim falar livremente, deem a impressão de vir para a análise para *aprender a falar* –; os dois parceiros do *par* analítico têm seu inconsciente solidamente constituído, bem distante do que acontece na situação de origem; e a construção do narcisismo no paciente basta para distingui-lo nitidamente da primeira criança, etc. Todas estas diferenças precisariam ser enumeradas, especificadas, mas não diminuem a fecundidade da hipótese. Destacar a intensidade, a profundidade das regressões produzidas pela psicanálise, a atualização do *infantil* que elas provocam é outro modo de sustentar a validade de tal hipótese.

Tudo isso nos remete ao pano de fundo deste artigo: *Paixão, amor e sexualidade na psicanálise de hoje*. Paixão e amor (ou ódio) são as mesmas palavras tanto para Shakespeare como para nós. Seu sentido foi enriquecido pelo uso psicanalítico, sem sofrer qualquer modificação verdadeira. Contudo, com a palavra *sexualidade*, evidentemente, o caso é bem diferente. Será que ainda sabemos o que quer dizer *sexual*? A psicanálise não se limitou a estender à criança aquilo que o senso comum reservava ao adulto, operando ainda deslocamentos que mais contribuem para o enigma do sexual do que para sua clara definição, como o deslizamento progressivo, em Freud, do *infans* para o *infantil* – o primeiro é datado e o segundo é atemporal – e o decalque entre o infantil e o inconsciente.



Como entender aqui *sexualidade*? A série na qual a palavra se insere faz pensar que se trataria de vida sexual, da vida sexual do adulto. Mas basta acrescentar *na psicanálise* para que as fronteiras se borrem. Eu não gostaria de perder de vista as duas expressões seguintes: a sexualidade de hoje, na psicanálise de hoje.

Um ponto essencial parece não ter suficientemente chamado a atenção. Freud inventa o dispositivo prático da psicanálise com base na primeira tópica e naquilo que constitui sua principal descoberta: o sexual infantil. É impressionante que a introdução do narcisismo e, posteriormente, da pulsão de morte nada mude ali, *nada mude no dispositivo prático* – tanto quanto as inovações teóricas posteriores, pós-freudianas. Os novos dados transformam a teoria, mas não modificam nem o *setting*, nem os fundamentos do método. Acerca deste ponto, formulei a seguinte hipótese: a sexualidade infantil não é simplesmente o objeto, aquilo que está em jogo na psicanálise – como no caso de um paciente psiconeurótico, com sua vida psíquica sob o impacto do recalque –, ela também *dá forma* à prática, determina o método, mesmo que os ingredientes vitais, narcísicos e destrutivos predominem no material clínico e que a sexualidade ali esteja manifestamente ausente – alguns tratamentos analíticos terminam tendo produzido mudanças notáveis, sem que a vida sexual do paciente tenha chamado a atenção dos dois protagonistas. Em sua formulação mais resumida, esta hipótese sustenta que existe uma sexualidade infantil *da psicanálise*.

Esta hipótese tem sua fonte em Freud, principalmente na teoria do sonho. Freud (1920) é obrigado a reconhecer: há sonhos em que a repetição traumática impede a manutenção em qualquer circunstância da equação entre sonho e realização do desejo. Esse momento desempenha um papel decisivo na *virada* de 1920. A continuidade que Freud dá ao seu raciocínio é igualmente importante: se o sonho fracassa em realizar um desejo, ao menos ele *ensaia*, tenta tornar libidinal aquilo que não o é, tenta *resgatar* (*nachzuholen*) o que se esquia de sua plasticidade. Se, por um lado, o sexual infantil deixa de constituir o material ou a fonte do sonho, por outro, ele está ainda mais presente no *trabalho do sonho*, que procura justamente condensar, figurar, deslocar, deformar e inserir na economia libidinal aquilo que tenta lhe escapar.

A sexualidade infantil não desaparece com a segunda tópica, ela se desloca. Era o que gerava conflito e torna-se aquilo que possibilita a transformação do núcleo traumático. Era doença (a doença sexual) e torna-se o primeiro vetor do *tratamento psíquico* – sem que isso signifique a *superação* da primeira tópica pela segunda, pois uma não anula a outra, mudando somente o ponto de vista (inclusive psicopatológico). Assim como existem sonhos de resgate, existem *transferências de resgate*. Isto é especialmente observável com o paciente



*borderline*, justo para quem a psicanálise não foi inventada. O aspecto vital que seu engajamento no tratamento analítico muitas vezes assume marca sua esperança de um *resgate*, que às vezes diz respeito à vida em sua totalidade: “nascer finalmente, para mudar de vida – diz Gary ao solicitar uma análise –, mas, para isso, é preciso ter uma”. Estabelecer por intermédio da psicanálise uma relação que permita a Eros (re)encontrar as cores. No relato de sua análise com Winnicott, Margaret Little (1985) escreve: “A sexualidade não pode ter qualquer propósito nem significado algum enquanto não se tiver a certeza de sua própria existência, de sua sobrevivência e de sua identidade.” *Mas todo o seu texto mostra o inverso*, se a sexualidade infantil é *sem propósito*, ela se encontra, por outro lado, no cerne do processo. O próprio gesto do testemunho, sua transgressão, é uma verdadeira declaração de amor de transferência, não liquidado. Tem-se a impressão de que Winnicott foi o homem de sua vida. A sobrevivência e a identidade podem perfeitamente predominar no material, mas é o amor/ódio de transferência que *permite o trabalho*.

Esse deslocamento da sexualidade infantil, que, de *objeto* da psicanálise, torna-se seu *meio* (seu medium), requer um complemento de teorização. As noções freudianas mais postas a serviço desse deslocamento são a polimorfia, a plasticidade, a sublimação das primeiras origens e, em maior medida, todas aquelas que descrevem o *movimento* psíquico (transposição, inversão...). Por outro lado, certas posições de Freud sobre o assunto limitam sua concepção. É especialmente o caso de tudo aquilo que se mantém de um ponto de vista desenvolvimental, mesmo que a visão das fases – muito intensificada por Abraham – tenha resistido mal às injúrias do tempo. Freud tem certa dificuldade para distinguir *sexualidade da criança* e *sexualidade infantil*, embora a noção de *infantil* (*o inconsciente é o infantil*) evolua ao longo dos anos. Sobretudo, até o final de sua obra, ele permanecerá preso a uma representação *em dois tempos*, bifásica, da sexualidade humana, o que podemos perfeitamente contestar. Concordo plenamente com Daniel Widlöcher (2000), quando ele destaca que a sexualidade infantil não é *pré-genital*, tampouco *pré* o que quer que seja. A sexualidade infantil não é a fase imatura cujo término seria marcado pela sexualidade púbere. Não é um primeiro tempo que encontraria sua ascensão na genitalidade, a ideia de bifasia apagando sua originalidade. Ela é *outra coisa*.

J-B. Pontalis (1997) propõe a seguinte definição: “O infantil é o sexual indiferenciado em que podem coexistir ternura e sensualidade, masculino e feminino, ativo e passivo” (p. 32) – mas dever-se-ia acrescentar às palavras de Pontalis ao menos a coexistência do amor e do ódio, do corpo e da psique... O autor prossegue:





Não subordinado a uma função, não ligado a órgãos específicos, o infantil ignora totalmente o princípio de realidade e talvez seja até mesmo insubmisso ao princípio de prazer, que implica certa finalidade. Um sexual sem princípios. Este infantil não tem idade. Não corresponde a lugar nenhum, a tempo algum que possa ser determinado. Não está atrás de nós, é uma fonte no presente; uma fonte viva, nunca esgotada. (Pontalis, 1997, p. 32).

Devemos acrescentar que a fantasia é seu elemento, uma fantasia que *toma corpo*, está impressa na carne, capaz por sua própria vocação de produzir a excitação até atingir o orgasmo, quando for sustentada pela força do sonho. A sexualidade genital conhece sua meta, o coito e o orgasmo, enquanto a sexualidade infantil é polimorfa, ela multiplica os sexos e *deseja*, o que equivale a dizer que ela *não sabe o que quer*, definitivamente, sem *fim*. Algo nela é contra a descarga, contra a *plena* satisfação, mas *a favor* da conjugação da tensão com o prazer. Cabe observar, aliás, que é quando a criança se torna mais manifestamente sexual (no sentido genital), que se perde algo da polimorfia, da plasticidade do infantil, o que significa o empobrecimento de seus desenhos e de sua capacidade criadora.

O convite à associação livre, dirigido ao analisando e à atenção flutuante, dirigido ao analista, são maneiras de chamar o pensamento à plasticidade, ao jogo, são convites feitos ao sexual infantil para apropriar-se do pensamento. Desfazer-se das construções, das racionalizações, das secundarizações para restituir a linguagem à atividade autoerótica. O infantil é solidário dos ingredientes do método analítico, inclusive na vertente *finalidade sem fim* da análise. Toda representação-meta atribuída ao tratamento analítico falseia sua dinâmica. A solidariedade do método analítico com o infantil, com o sexual infantil, não é circunstancial, não está ligada a uma determinada tópica ou a uma determinada figura psicopatológica, ela é fundamental. Livre associação e atenção flutuante são palavras diferentes para designar polimorfia e plasticidade. *Na falta destas, somente o amor/ódio de transferência, a sedução da cena analítica, a economia libidinal do tratamento têm alguma chance de (re)introduzir, de resgatar algo delas, tanto na psicanálise de ontem como na de hoje*. O seguimento de meu artigo é um modo de pôr à prova da prática as hipóteses que precedem. Uma prova ainda mais difícil pelo fato de ser negativa, quando o ódio, mais que o amor, dá o tom à relação analítica, quando a plasticidade cede à rigidez, quando a transferência fracassa em resgatar o que a vida perdeu e, no lugar da esperança de mudar, é preciso contentar-se em tentar reparar ou mesmo remendar.

Uma das características de *hoje* é o fato de que o analista atende pacientes



para quem a psicanálise não foi inventada e cujo funcionamento psíquico é um verdadeiro desafio ao método. A sexualidade, no sentido da vida sexual, é um indício desta distância. É, sobretudo, impressionante que, sendo ou não evocada pelo paciente, a sexualidade esteja pouco ou mesmo nada em jogo na problemática da análise. Certo homem, por exemplo, tira grande proveito de uma longa análise, o que se confirma por uma mudança psíquica, sem que esta tenha gerado qualquer modificação na atividade paralela perversa (cerimônias sadomasoquistas) que ele pratica regularmente, à margem da sua vida privada comum.

A escolha de citar o caso de Gary se deve a dois aspectos: sua sexualidade é hoje filha de sua época e do contexto cultural e seu funcionamento psíquico coloca a psicanálise diante dos limites do analisável. Dos três termos, *paixão, amor e sexualidade*, o amor é o que mais lhe falta. A paixão, por outro lado, está bem presente, tomando principalmente a forma do ódio.

A *vida* sexual de Gary traz a marca do infantil – como poderia ser diferente? – mas se trata de um infantil ao qual falta o essencial: a polimorfia e a plasticidade, ou seja, as *virtudes cardinais* que definem o *analizando leal*, justamente aquelas que se observam em ação na associatividade. A homossexualidade impôs-se a ele na adolescência. Uma vez, uma única vez, ele teve uma relação sexual com uma mulher. Deixou-se levar por um de seus amantes e viu-se preso na armadilha de uma relação a três. Tão logo o ato completado, a vagina penetrada, ele correu para o banheiro “para desinfetar o pênis com água sanitária<sup>1</sup>..., não (ele se corrige), com álcool a 90°.” A água sanitária para se desvencilhar da sujeira mais persistente, o álcool a 90° para desinfetar a ferida aberta.

A ruptura com seu meio familiar – sua mãe que o “põe para fora de casa” antes mesmo do fim da adolescência – o leva para a rua. Segue-se um período de prostituição, de drogadição, um momento de vida extrema. Hoje, ele vive um duplo relacionamento (estável) de casal. De um lado, com um homem muito idoso, um intelectual que ele conheceu numa noite de *trottoir*, de outro, com um homem de sua idade (em plenos quarenta anos), com quem compartilha fins de semana e férias. Com o primeiro, a atividade sexual é inexistente, com o segundo, reduz-se a quase nada. Sua vida sexual quase não é uma *vida*, esgotando-se em masturbações diárias, visando mais à descarga que ao prazer e tendo a internet como parceiro. Ele coleciona uma infinidade de fotos pornográficas no computador. O gesto onanista assume uma forma particular. Gary coloca sua mão livre no vão quente entre as coxas, à imagem da posição às vezes adotada por alguém que tenta adormecer, ao passo que, no momento de adormecer de fato, ele busca o sono

<sup>1</sup> Produto detergente.





num balançar cuja descrição lembra uma imagem autística.

A nossa revelia, inevitavelmente a nossa revelia, as primeiras entrevistas com Gary repetiram, atualizaram o trauma fundamental; se não o trauma do nascimento – não exageremos –, pelo menos o do encontro de uma criança desamparada com uma mãe confusamente hostil e indiferente. Inevitavelmente também, quando vem o momento dos traumas primitivos, é nas fronteiras do dispositivo – neste caso, no momento do pagamento – que o acontecimento transferencial se produz. Quando informo a Gary o montante dos meus honorários, ele se preocupa com um possível reembolso do valor. Expliquei-lhe a impossibilidade disso, propondo-lhe ao mesmo tempo encaminhá-lo, se ele desejasse, a um colega psiquiatra-psicanalista que poderia, eventualmente, corresponder à sua solicitação. Após um momento de silêncio, ele me encarou de forma breve e intensa, olhos nos olhos, e aceitou minhas condições. Ele volta a falar dessa cena muito tempo depois. O que o decidiu naquela ocasião – dever-se-ia dizer *seduziu?* – foi o fato de perceber que “je n’en avais rien à foutre”<sup>2</sup> [eu estava pouco me lixando, não podia fazer nada], que eu estava disposto a me livrar dele. Ele não estava totalmente enganado. Minha ambivalência em relação à ideia de iniciar um tratamento com este paciente, em quem os elementos tanto esquizóides quanto persecutórios ocupavam um lugar importante, traduziu-se provavelmente na rapidez da minha proposta. O tratamento iniciou-se apoiado nesta base transferencial perigosa: os reencontros com uma mãe odiosa.

*Amo um pouco, amo muito, amo apaixonadamente*<sup>3</sup>... o amor é declinável, admite nuances. Não há nada equivalente no ódio, *odiar um pouco* é gramaticalmente incorreto e semanticamente vazio. Em contrapartida, *odiar apaixonadamente* não está longe de ser um pleonasma. Por certo, o ódio pode permanecer inconsciente, usar a máscara reacional de seu contrário, mas não se divide. O amor tem suavidades, atenuações, fragilidades; o ódio é sempre passional e ignora as meias-medidas.

Por ser indivisível, o ódio não se expressa tão frequentemente sem artifício na situação analítica. Em alguns momentos ele tomou conta de Gary, indo além do que este era capaz de conter; todas as vezes porque as fronteiras do *setting* foram ultrapassadas, principalmente numa ocasião em que eu o atendi com quinze

<sup>2</sup> *Foutre*, numa primeira acepção manifesta, significa *fazer*. Num sentido mais violento, a palavra significa mais especificamente, na velha gíria, *fornicar* (*fuck*). A mesma palavra surge em vários momentos: “foutre à la porte”(pôr para fora), “se foutre de quelqu’un” (estar se lixando para alguém), “se faire foutre” (submeter-se ao coito, implicitamente ao coito anal). Este último sentido, o mais sexual, é também o sentido original.

<sup>3</sup> N.T.: Em francês, «Je t’aime un peu, beaucoup, passionément, à la folie...» é o jogo de despedatar a margarida: “bem me quer, mal me quer...”



minutos de atraso. Um ódio frontal, diretamente dirigido, desejando mais o extermínio que o assassinato. O assassinato visa ao objeto amado/odiado, enquanto o extermínio procura proteger o eu de um desaparecimento no meio do nada.

Enquanto a plasticidade animar a vida psíquica, amor e ódio são reversíveis. As inversões do amor em ódio e reciprocamente são o sal da tragédia; criam a ilusão de uma simetria dos dois afetos. Quando o ódio, em Gary, inverte-se em sentimento contrário, não é o amor que se expressa, mas a idealização, a admiração. A conjunção é importante: no mesmo momento em que o narcisismo é introduzido na teoria, o ódio deixa de formar, para Freud, uma simples simetria com o amor. Seria obviamente muito radical opor amor e ódio, havendo, no primeiro, o primado do objeto e, no segundo, o primado do eu no outro. Radical por demais, porque o amor de objeto não fica sem gratificação narcísica e a afirmação do eu no ódio não deixa de dar existência e poder ao objeto. Mas, mesmo assim, não deixa de existir a tensão entre esses dois pólos. *O ódio começa onde o eu acaba*<sup>4</sup>. O mau, o odiado, o estranho para o eu, aquilo que está no exterior é inicialmente idêntico para o eu-prazer original. Essas hipóteses, formuladas pela primeira vez em 1915, em *As pulsões e suas vicissitudes*, sobrepõem as duas tópicas. Num enunciado ainda nos termos da *primeira tópica*, Freud defende a seguinte ideia: “Os verdadeiros protótipos da relação de ódio não são oriundos da vida sexual, mas da luta do eu pela sua conservação e pela sua afirmação” (Freud, 1915, p. 185). De acordo com este raciocínio, isso equivale a fazer do ódio o herdeiro da agressividade autoconservativa, comum ao homem e ao animal. Essa filiação é discutível e, com ela, a hipótese de Freud. É atributo da agressividade autoconservativa – quer ela vise a defender ou alimentar – o fato de *adaptar-se* ao objetivo que persegue. Nada disso acontece com o ódio, tal como nas primeiras fantasias da criança, que visam à destruição do objeto materno que alimenta. Entre a agressividade e o ódio, há menos continuidade que ruptura, aquela introduzida pelo *narcisismo*, pelo investimento libidinal do eu. Amor por si mesmo e ódio do outro são as duas faces de uma mesma moeda. Do mesmo modo que a sexualidade humana nasce de uma desqualificação da pulsão sexual, o ódio torna-se possível por uma desqualificação da agressividade pulsional. São numerosos os exemplos individuais e coletivos que mostram que as metas perseguidas pelo ódio se opõem aos interesses bem compreendidos.

Melanie Klein teve o mérito de desvendar a precocidade dos movimentos paranóides e esquizóides, mas não percebeu a articulação essencial desses

<sup>4</sup> Como qualquer fórmula, esta é muito concisa. Um longo desenvolvimento seria necessário para desdobrar todas as suas nuances. O ódio de si mesmo do melancólico não seria um primeiro contra-exemplo? Só que, no melancólico, é o *objeto*, cuja sombra recaiu sobre o eu, que é visado.



movimentos com a psicogênese indistinta do eu e do narcisismo. A perseguição tem como pré-requisito a invasão, o desrespeito das fronteiras do eu pelo outro, o adulto. As angústias paranóides e esquizóides são, em primeiro lugar, angústias territoriais, assinalam o terror de um eu totalmente dedicado a vigiar a *border line*. Para Gary, a ameaça é cotidiana, desde o vizinho no ônibus que invade seu assento até o analista que *falha*, passando pelo olhar *atravessado* de um colega de trabalho. A máscara impassível de seu rosto procura desesperadamente proteger da intrusão a intimidade de sua atividade de pensamento. Passado o momento da perseguição, ele recorre a um modo esquizóide de reparação, retira-se naquilo que ele denomina “sua bolha”, podendo passar uma sessão inteira num retraimento silencioso.

Os momentos mais dinâmicos dessa análise sempre coincidiram com tempestades transferenciais, quando a paixão fazia recair a sombra do eu sobre o objeto, quando o ódio explodia diante da primeira *pequena diferença*. Foram maneiras de se aproximar do trauma primitivo, do confronto com uma mãe de ódio que *põe no olho da rua*. Não há dinâmica sem interpretação, mas, neste caso, ela aconteceu em silêncio, consistindo principalmente na capacidade do *setting* analítico – incluindo a psique do analista – de não ser destruído, de não exercer represálias, de demonstrar sua continuidade de ser. Estando esta suficientemente garantida, tornava-se possível (re)construir, analisar a sequência passada.

Como entender que a sexualidade, a vida sexual de Gary, com algumas facetas que ele evocava com bastante frequência, tenha contribuído para o processo de uma forma, no máximo, apenas incidente? A primeira razão é simples: a sexualidade não motivou em nada a solicitação de análise por Gary e ele não aspirava a nenhuma mudança nesse terreno. Porém, no fundo, esse *silêncio* da sexualidade não pode ser dissociado do lugar que ela passa a ocupar quando prevalece o ponto de vista da segunda tópica, no momento em que a fragilidade narcísica e a ameaça da destrutividade dominam o quadro clínico.

A escassez de lembranças da infância, em Gary, quase não permite seguir esta pista, a da história, para construir uma possível psicogênese de sua homossexualidade. As fantasias que alimentam seu onanismo indicam um caminho mais seguro. Ele mesmo destaca um traço comum nas fotos pornográficas que coleciona: a degradação, geralmente sob a forma do estupro, do personagem com o qual ele se identifica. *Homossexualidade*, a palavra aqui deixa de significar muita coisa, *homos*, o *mesmo* não é um ingrediente do quadro, os significados conjugam mais feminização/passividade (“foder-se”) e decadência. Um dos cenários escolhidos é especialmente espantoso, de dar frio na espinha: trata-se



não de uma foto, mas de uma sequência de filme que ele repassa de memória. Um soco acerta um rosto, regular e repetitivamente, até que os traços, aqueles mesmos que formam uma identidade, se embaralham, apagam-se. O *filme* termina com a ejaculação. Extremo paradoxo de uma *erótica* que se constrói à beira da perda de identidade, da destruição das fronteiras, do desaparecimento do sujeito *total*, cujo representante é o rosto. *Erótica...*, a palavra aqui atinge seus próprios limites. Estamos longe do sadismo, que requer um rosto intacto para que se possa ler nele, com deleite, a expressão da dor infligida. Se ainda há *erótica*, não é mais senão pela parte de *ligação*, perceptível no cenário mínimo, de uma destrutividade sem causa nem finalidade.

É como se Gary tivesse transformado em sexualidade, em realização de desejo, as formas primitivas da intrusão-perseguição. Como se ele tivesse transformado em co-excitação libidinal um ataque que visava a reduzi-lo a nada, como se nada mais distinguisse gozo e aniquilamento. Em suma, uma sexualidade de *resgate*, esforçando-se para integrar exatamente aquilo que ameaça a integridade. Cabe considerar a hipótese de uma homossexualidade que seja, em primeiro lugar, um autotratamento psíquico dos traumas precoces e de suas feridas narcísicas. Se não é o estrito equivalente de uma análise, é como seu duplo, uma autoterapia. E como os paralelos não têm a menor chance de se encontrar, também não há razão para que a sexualidade em questão se torne objeto da análise. Estando totalmente voltada para o *tratamento*, a vida sexual quase não é *material* para a análise.

A fantasia de Gary reúne as mesmas duas personagens do trauma fundamental: um adulto dividido entre a indiferença e o ódio e um *infans* pisoteado. Provavelmente o período de prostituição se aproximou ao máximo dessa forma sexual, a *degradação*. Encantar-se é uma palavra que cabe muito mal aqui, mas, ao menos, podemos nos espantar com a extraordinária capacidade do sexual para assumir, metabolizar, resgatar tanta violência traumática, tanto excesso psíquico. Inversamente, podemos nos perguntar se essas formas de autotratamento do trauma, fortemente marcadas pela repetição idêntica, pela pouca abertura para uma dimensão objetal, segundo uma modalidade quase autística, não condenam a análise a permanecer psicoterapia, a ter de se voltar somente para o *inconsciente do eu* (Winnicott), por não poder apoiar-se num sexual infantil ainda disponível, ainda plástico, curioso diante do desconhecido. □





## Abstract

### Passion, hatred and sexuality

The solidarity of the analytical method to the infantile one, with the child sexual aspects, is not circumstantial, is not connected to one special topic or one psychopathological image, it is foundational. Free association and floating attention are different words to designate polymorphism and plasticity. *In the absence of those, only the love/hatred of transference, the seduction of the analytical scene, the libidinal of the treatment have some chance of (re)introducing, of rescuing something of them, in the psychoanalysis of yesterday as well as of today.* This text, with its very borderline clinical illustration is a way of testing the hypothesis previously mentioned. An even more difficult proof, since it is a negative proof, is when hate, more than love, taints the analytical relation, when plasticity gives in to rigidity, when the transference fails to rescue what life has lost, and in the place of the hope of changing. one has to be satisfied with trying to repair or even cobble.

Keywords: Child sexuality. Psychic plasticity. Hate/hatred. Homosexuality.

## Resumen

### Pasión, odio y sexualidad

La solidaridad del método analítico con lo infantil, con lo sexual infantil, no es circunstancial, no está ligada a una determinada tópica o a una determinada figura psicopatológica, ella es fundamental. Asociación libre y atención fluctuante son palabras diferentes para designar polimorfia y plasticidad. En la falta de estas, solamente el amor/odio de transferencia, la seducción de la escena analítica, la economía analítica, la economía libidinal del tratamiento tienen alguna posibilidad de de (re)introducir, de rescatar algo de ellas, tanto en el psicoanálisis de ayer como en el de hoy. Este texto, con su ilustración clínica de un paciente severamente borderline, es una manera de poner en prueba de la práctica las hipótesis mencionadas anteriormente. Una prueba aún más difícil por el hecho de ser negativa cuando el odio, mas que el amor, da el tono a la relación analítica, cuando la plasticidad cede a la rigidez, cuando la transferencia fracasa en rescatar lo que la vida ha perdido y, en el lugar de la esperanza de cambiar, es necesario contentarse en intentar reparar o aún remendar.



Jacques André

---

Palabras llave: Sexualidad infantil. Plasticidad psíquica. Odio. Homosexualidad.

## Referências

- FERENCZI, F. (1932). Confusion de langue entre les adultes et l'enfant. In: *Psychanalyse IV*. Paris: Payot, 1982.
- FREUD, S. (1897). *Lettres à Wilhelm Fliess, 1887-1904*. Paris: PUF, 2007.
- \_\_\_\_\_. (1915). Pulsions et destins de pulsions. In: *Oeuvres complètes*. v. 13. Paris: PUF, 1994.
- \_\_\_\_\_. (1920). Au-delà du principe de plaisir. In: *Oeuvres complètes*. v. 15. Paris: PUF, 2002.
- \_\_\_\_\_. (1937). Analyse avec fin, analyse sans fin. *Oeuvres complètes*. v. 20. Paris: PUF, 2010.
- LAPLANCHE, J. À partir de la situation anthropologique fondamentale. In: *Sexual*. Paris: PUF, 2007.
- LITTLE, M. (1985). Lorsque Winnicott travaille dans des zones où dominent les angoisses psychotiques: un compte-rendu personnel. In: *Transfert et états limites*, (sous la dir. de J.André et C.Thompson). Petite Bibliothèque de Psychanalyse. Paris: PUF, 2002.
- MACALPINE, I. (1950). The development of transference. *Psychoanalytic Quart.*, v. 19, p. 501-539.
- PONTALIS, J-B. *Ce temps qui ne passe pas*. Paris: Gallimard, 1997.
- WIDLOCHER, D. Amour primaire et sexualité infantile: un débat de toujours. In: *Sexualité infantile et attachement*. Paris: PUF, 2000.

Recebido em 05/04/2010

Aceito em 14/04/2010

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão técnica de **Luciane Falcão**

**Jacques André**

18 rue Didot, 75014

Paris – France

e-mail: andre.jac@wanadoo.fr

© Jacques André

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA